

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

MARCELLA MESQUITA NAHAS

A VIDA SÓ ACABA QUANDO DE FATO TERMINA:
A Influência das Práticas Teatrais na Terceira Idade

UBERLÂNDIA
2025

MARCELLA MESQUITA NAHAS

A VIDA SÓ ACABA QUANDO DE FATO TERMINA:
A Influência das Práticas Teatrais na Terceira Idade

Trabalho de Conclusão de
Curso para obtenção do grau de
Licenciatura em Teatro, do Instituto
de Artes da Universidade Federal de
Uberlândia. Orientador: Prof. Dr.
Henrique Bezerra de Souza.

UBERLÂNDIA
2025

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Universo, ou a Deus, ou a “Coisa Maior” que nos conduz e cuida de tudo; sou muito grata de ter vindo de onde vim, de ter tido a melhor mãe do mundo, Silvânia, mesmo que tenham sido somente 15 anos de convivência. Mãe, você sempre foi, é e sempre será a melhor coisa que já me aconteceu. Agradeço aos meus avós maternos Geraldo e Benvinda por serem tudo para mim e pelo apoio que somos uns para os outros. Agradeço ao meu pai Paulo pelo amor, carinho e cumplicidade que sempre tivemos um pelo outro. Ao meu padrasto Paulo por ter me dado a alegria de ter um pai a mais e por ter me dado a minha Linda irmã, Valentina. Aos meus avós que já foram, Doralice e Farid, agradeço por tudo e digo que sinto saudades; principalmente suas, Dora, visto que quando você se foi, levou uma parte de mim junto com você. Obrigada a todos aqueles que são minha FAMÍLIA!

Em segundo lugar, agradeço ao Colégio Objetivo de Catalão e seu corpo docente, pois foi lá que meu amor pelo teatro e pela música foi intensificado. Foi lá que estudei a minha vida inteira, e eles acompanharam a minha formação. “Tio Fumaça”, a você, minha eterna gratidão. À “tia Marlete” também!

Gratidão eterna àqueles que tenho o enorme prazer em chamar de amigos. Não cabem muitos aqui, mas no meu coração e pensamento cabem! Eu amo caminhos que se cruzam; nada é por acaso, nunca. Agradeço aos que chegaram e nunca saíram. Em especial, Raul Paiva, Maria Júlia Fonteneles e Marcos Paulo Peixoto, três das amizades mais antigas que tenho e que mais prezo. Aos amigos que a universidade me trouxe, eu também sou absurdamente grata e realizada que nossos caminhos se cruzaram; Mavi Novais, Gustavo Silva, Juliana Liduário, Murilo Rezende, Gabriel Gulla, Jéssica Ribeiro, Thiago Mateus e Neto Basilio; esses são alguns dos mais importantes, que vão sempre estar comigo!

Dani Pimenta, Tom Menegaz, Edu Silva, Maria de Maria, Narciso Telles, Rose Gonçalves, Karina Silva, Letz Pinheiro; gratidão por tudo o que aprendi e sigo aprendendo com vocês.

E por último, mas não menos importante, agradeço de coração ao meu orientador Henrique Bezerra, que chegou como uma luz no fim do meu túnel. Você é luz! Que bom que nos encontramos!

RESUMO

Este memorial apresenta e analisa três experiências distintas com o teatro para a terceira idade, que vai desde uma oficina ministrada em três pessoas, até aulas particulares de teatro conduzidas por mim, destacando a importância de tentar criar espaços nos quais os idosos se sintam acolhidos, valorizados e autônomos. Por meio dessas vivências, observo como as práticas teatrais podem ser uma ferramenta poderosa para trabalhar as memórias dos idosos, além de promover a contação de histórias como forma de expressão e fortalecimento da identidade. As memórias estão em diferentes lugares no decorrer das três experiências, como por exemplo, no roteiro de uma cena, em uma delas. O trabalho evidencia como o teatro contribui para o bem-estar emocional, social e cognitivo dos participantes, ressaltando que a vida só acaba quando, de fato, termina, ou seja, a velhice não é a etapa final. Por meio do teatro, os idosos têm a oportunidade de se reinventar e continuar a viver novas experiências.

Palavras-chave: memorial; teatro; terceira idade; memória; contação de histórias.

ABSTRACT

This memorial presents and analyzes three distinct experiences with theater for the elderly, ranging from a workshop conducted with three people, to private theater classes conducted by me, highlighting the importance of creating spaces where older people feel welcomed, valued, and autonomous. Through these experiences, I observe how theater practices can be a powerful tool for working with the memories of the elderly, as well as promoting storytelling as a form of expression and strengthening identity. The memories are placed in different contexts throughout the three experiences, such as in the script of a scene, for example. The work highlights how theater contributes to the emotional, social, and cognitive well-being of the participants, emphasizing that life only ends when it truly ends, meaning that old age is not the final stage. Through theater, the elderly have the opportunity to reinvent themselves and continue living new experiences.

Keywords: memorial; elderly; memories; theater; well-being; old age; reinvent.

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1: Árvore Genealógica da Marcella.....	12
Imagen 2: Continuação da família.....	13
Imagen 3: Alunas da oficina Sênior durante exercício imersivo.....	19
Imagen 4: Alunas da Of. Sênior durante exercício de reconhecimento.....	20
Imagen 5: Alunas da Of. Sênior em exercício de “brincar” com objeto.....	24
Imagen 6: Alunas da Of. Sênior durante concentração no camarim.....	26
Imagen 7: Alunas da Of. Sênior durante concentração no camarim.....	26
Imagen 8: Alunas da Of. Sênior durante concentração no camarim.....	26
Imagen 9: Alunas que apresentaram o conto “Êta, Caboclo Miserável”.....	27
Imagen 10: Alunas que apresentaram o conto do Formigão.....	27
Imagen 11: Apresentação da Oficina Sênior.....	28
Imagen 12: Apresentação da Oficina Sênior.....	28
Imagen 13: Apresentação da Oficina Sênior.....	28
Imagen 14: Apresentação da Oficina Sênior.....	29
Imagen 15: Público e artistas que apresentaram no Encontrão.....	29
Imagen 16: Meninas dançando pelo espaço na sala LAC, bloco 3M, UFU.....	33
Imagen 17: Meninas dançando pelo espaço na sala LAC, bloco 3M, UFU.....	34
Imagen 18: Protocolo em forma de texto no WhatsApp.....	36
Imagen 19: Protocolo em forma de desenho.....	37
Imagen 20: Alunas da oficina com seus objetos.....	39
Imagen 21: Alunas da oficina com seus objetos.....	40
Imagen 22: Cheiros para a roda.....	40
Imagen 23: Algumas das meninas durante a roda de cheiros.....	41
Imagen 24: Algumas das meninas durante a roda de cheiros.....	41
Imagen 25: Protocolo de uma aluna referente a roda de cheiros.....	42
Imagen 26: Cena final gravada em último dia de encontro.....	44
Imagen 27: Cena final gravada em último dia de encontro.....	44
Imagen 28: Cena final gravada em último dia de encontro.....	45
Imagen 29: Cena final gravada em último dia de encontro.....	45
Imagen 30: Cena final gravada em último dia de encontro.....	46
Imagen 31: Cena final gravada em último dia de encontro.....	46
Imagen 32: Nossa narradora.....	47
Imagen 33: Turma reunida em nosso último dia juntas.....	49
Imagen 34: Alongamentos com mini macarrões.....	52
Imagen 35: Aquecimento com bolinhas.....	52
Imagen 36: Aquecimento com bolinhas.....	53
Imagen 37: Ensaios da ‘gaiofada’ de São João.....	57
Imagen 38: Ensaios da ‘gaiofada’ de São João.....	57
Imagen 39: Dia da apresentação.....	58
Imagen 40: Dia da apresentação.....	59
Imagen 41: Dia da apresentação.....	59

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO.....	8
2) CAPÍTULO I - O Teatro ComU(FU)nítáro.....	16
I.1- Quem ficou, ficou!.....	17
I.2 - Do início ao fim.....	18
I.3 - Considerações Finais Sobre a Oficina Sênior.....	30
3) CAPÍTULO II - Oficina de Teatro 50+ da Tiela.....,,,	31
II.1 - As mulheres da oficina 50+.....	31
II.2 - Do início á cena	32
II.3 – Considerações Finais sobre a Oficina de Teatro 50+ da Tiela....	48
4) CAPÍTULO III - Espaço Evoé e teatro para a melhor idade!....	50
III.1 - Eu e meus três de toda quinta-feira!.....	50
III.2 - Dos encontros à ‘gaiofada’ de São João.....	51
III.3 - Considerações finais sobre o Evoé.....	59
5) CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
6) REFERÊNCIAS.....	62

INTRODUÇÃO

Meu nome é Marcella Mesquita Nahas. Nesse momento em que vos escrevo tenho 26 anos, e me sinto muito realizada por contar-lhes um pouco da minha história, e principalmente percorrer com vocês, por meio desta escrita, todo o meu caminho, com destino aos idosos, suas memórias e teatro. Muito teatro. Aproveito e digo também que converso demais. Então, quando eu achar necessário, farei comentários em meu próprio texto, sempre em itálico, como se eu estivesse complementando a mim mesma - *inusitado, eu diria.*

Comecemos então, pelo começo. Tiela. Esse é meu apelido. Foi me dado logo que saí da barriga de minha mãe, pelo meu avô paterno: Farid Nahas, um homem conhecido em toda a cidade - *Catalão, Goiás inclusive* - por sua profissão, exercida por anos e anos com muita sabedoria; era um baita de um radialista, seu programa na rádio é lembrado até hoje pela maioria dos catalanos: "O Show da Cidade". Sua voz era reluzente - *digo era, pois eu o perdi em outubro de 2003, a primeira grande perda da minha vida, apesar de que na época eu tinha apenas 5 anos.* Me viu lá, recém-nascida, sem saber direito com quem eu me parecia - *a família materna diz que sou a cara do papai, Paulo, e a paterna diz que sou a cara da mamãe, Silvânia* - olhou nos meus olhos e disse "essa é a Tiela do vovô", e pegou. Se me chamam de Marcella eu logo estranho - *amo meu nome, mas sou fã do meu apelido!* Quando meus pais se separaram eu tinha apenas 6 meses de idade - *segundo minha mãe; não que eu me lembre* - sem alarde, e sem ter me atrapalhado em nada - *eu amava, tinha o dobro de lugares para passear.*

Cresci rodeada pelos meus pais, avós, tios-avós, avós de amigos; muita gente. E sempre, em todos os lugares, ocasiões, uma brechinha eu diria, onde estava Tiela? Na roda das crianças? Pouco provável. Lá estava ela, sempre com os mais velhos, ouvindo histórias, anotando coisas em um caderninho roxo que soltava folhas, fazendo perguntas e escutando as respostas. Fascínio por experiências de vida, sempre tive! Minha mãe não tinha muita idade, mas era psicóloga, sabia! Me esbaldava de conversas com ela, sobre experiências dela, histórias sobre qualquer coisa que ela estivesse disposta a contar - *devo confessar que está sendo muito emocionante reviver esse caminho com vocês, enquanto estou prestes a completar 11 anos sem essa joia rara que foi minha mãe; fecho os meus olhos e, graças a um mecanismo FASCINANTE chamado MEMÓRIA, consigo me lembrar de sua voz, cheiro e carinho; ela é o grande amor da minha vida, não sei se*

comemoro que vivi com ela 15 anos ou se fico triste por querer mais umas 20 vidas com ela do meu lado.

Meus avós maternos, Geraldo e Benvinda, ainda vivos e juntos, sempre tiveram as histórias mais emocionantes e de superação, sobre como passaram fome na roça por muito tempo e mesmo assim conseguiram fazer a vida melhorar - *pelo menos até 2014, que foi o ano que a filha deles, minha mãe, perdeu a guerra para um câncer ordinário* -; devo dizer que, para eles, nada doeu mais nesse mundo do que perder a filha, e que para mim, na minha vida, não existe nada mais precioso do que eles. Desde quando eu era pequenina, esse meu lindo avô era e ainda é o maior contador de causos que eu já vi, em toda festa de família, ou em qualquer momento que algo o lembrava de alguma história, ele já começava a contação - *não tinha uma pessoa que não se divertia, era o máximo pois ele nunca foi tímido, não tem ninguém estranho pra ele, feito eu!* E essa minha linda avó sempre foi tímida, mas sempre corrige meu avô quando ele esquece de algum fato no meio de alguma história, até hoje! *Aproveito também para reforçar que sou quem sou hoje muito pelo amor deles e que sinto por eles!*

Meu pai, Paulo, sempre foi muito diferente de mim, caladão, e até um pouco tímido eu diria - *ele é de capricórnio, o que no caso, explica muita coisa* - hoje, tem seus 61 anos de idade, e me sinto muito feliz em tê-lo, mesmo que, por dias, o que eu mais escuto dele são áudios no Whatsapp, várias vezes em um só dia, dizendo: "manda um oi para eu saber que você está bem!" - *eu por ele e ele por mim, sempre*. Eu até hoje vivo pedindo um irmãozinho pra ele. Ele tem fascínio por crianças, o adulto mais amável e bondoso que eu já vi, tenho muito orgulho de ser filha dele! E ele não é o único Paulo! Que bom que minha mãe casou de novo e me deu um padrasto, Paulo também, e que essa junção linda me deu uma irmã cinco anos mais nova, Valentina - *e que nasceu no mesmo dia que eu; "como isso é possível?" é uma pergunta que escutamos sempre quando a gente conta esse fato inusitado para as pessoas. Somos uma dupla de irmãs engraçada, desde pequenas vivemos brigando, mas o que não falta e nunca faltará amor e cumplicidade.*

Falando em se casar de novo, eu não poderia deixar de lembrar de uma pessoa muito especial que também infelizmente já faleceu, que foi a mulher que desde que eu me entendo por gente sempre esteve presente na minha vida: minha madrasta, Silvia; a mulher do meu pai, que também compartilhava histórias de vida comigo. Me recordo de uma, que aconteceu algumas semanas antes da minha mãe falecer. Ela me chamou e disse que precisava falar com meu pai, mas só não com ele. Com a Silvia também. Meu pai,

com muito custo, foi nos visitar juntamente com ela – *digo que foi custoso pois meu pai costuma fugir de situações tensas; e minha mãe já se encontrava em uma situação muito debilitada.* Minha mãe havia chamado os dois lá, para pedir que eles cuidassem de mim, e dizer a Silvia que confiava a ela esse papel de cuidar de mim, que sempre confiou. Que ela estava morrendo e que eu precisaria deles – *e eu só soube disso pois a Silvia me contava; sempre emocionada ao se lembrar.* Eu nunca imaginei que em 2022 eu me despediria da minha madrasta devido a um câncer, também.

Minha avó paterna, Doralice, talvez a ente familiar mais parecida comigo depois da minha mãe: extrovertida, reclamona, estressada, brilhantemente contadora de causos - *inventados? Não! Pensem em quantos casos eu escutei, de uma goiana nova, que se casa muito rapidamente com um rapaz metido a jornalista, irmão de oito filhos de pais Árabes fugidos da guerra (diretamente para Catalão) e todos morando juntos na mesma casa depois do casório!* - era sublime! Acho que essa é a melhor palavra para descrevê-la. Em cada encontro com ela, não tinha um momento em que não estávamos rindo; ou com ela ou dela. Infelizmente, depois de muita história compartilhada e vivida comigo, me deixou em janeiro de 2023.

Uma coisa que me instigou muito, no processo de envelhecimento dela, foi a maneira como a demência foi tomando conta de seus dias; porém era uma demência que os médicos não chamaram de Alzheimer, mas que a fazia viver literalmente no passado! Não se esquecia de quem nós, seus familiares, vizinhos e amigos éramos, mas era como se estivéssemos todos com ela em seu passado.

Esperava meu avô chegar (o mesmo que morreu em 2003), contava para gente que seu filho, meu tio Irineu, havia sofrido um acidente e que infelizmente ele não mais teria o movimento das pernas, que teria que ficar com ele algum tempo no hospital (o que de fato aconteceu, em meados do ano 1977), entre outras coisas. Foi a mulher mais guerreira que já conheci. Cuidou do meu tio até a semana que ela faleceu – no ano do falecimento dela, 2023, meu tio completou 46 anos de paraplegia; quando o acidente aconteceu, meu avô estava no volante, e meu outro tio estava no banco da frente. Ambos não tiveram um arranhão sequer; Irineu quebrou a coluna de modo que ficou alguns dias no hospital mexendo só os olhos. Com cirurgia, e fisioterapia recuperou parcialmente os movimentos dos braços.

Enfim, dizendo tudo isso para vocês, pois essa situação da minha avó no final de sua vida, me faz almejar conciliar essa minha pesquisa em teatro, terceira idade e contação

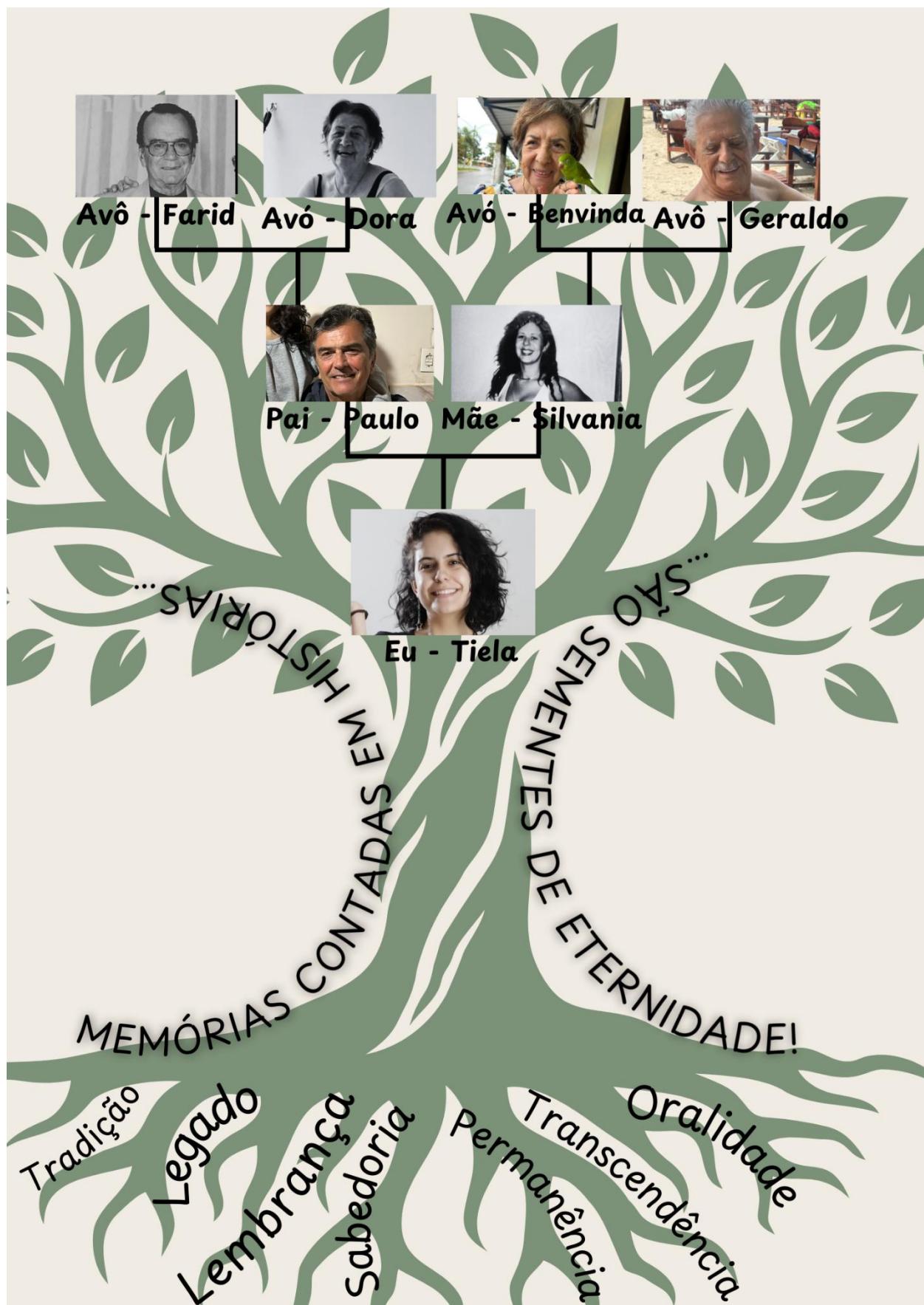
de histórias com o tratamento de demências entre outros. *Papo para logo mais, não é mesmo?*

Meu padrinho, casado com minha tia Marília - *irmã do meu pai* - muito mais velho que ela, também era um grande contador de suas lembranças, além de rechear a minha infância com muito Luiz Gonzaga e manhãs de sol em clubes que íamos nos finais de semana - *um nordestino arretado, meio cabeça dura e muito cheio de amor; faz pouco mais de um ano que também me deixou; foi de uma vez. Minha madrasta primeiro, depois minha avó e ele dois meses depois.* Eu costumo dizer que minha infância foi incrível grande parte por causa deles e dos meus primos! Aproveito esse parágrafo para agradecer minha mãe pela escolha de meus padrinhos; minha madrinha Aurora era sua melhor amiga e é a melhor madrinha do mundo.

Esses são os que escolhi citar aqui, mas não são os únicos; a gama de tios-avós tanto maternos quanto paternos é imensa, e também há muita saudade, pois, a maioria já se foi. Quero, com todo esse enredo, mostrar-lhes que minha convivência com pessoas experientes e fascínio pela contação de histórias de vida começou muito cedo; e que desde muito cedo também, eu sempre soube: minhas pessoas favoritas na vida são os mais velhos!

Desde pequena, eu sempre questionei muito a morte. Sempre tive muito apego pela vida e pelo viver em geral. E sempre me perguntei "o que nos tornaria imortais?". E cheguei à conclusão de que alcançamos a imortalidade através de memórias e contação de histórias. Ao passar para o próximo suas histórias, suas vivências, suas experiências, cultura, opiniões e entre outros, uma parte sua vive com ele, e assim sucessivamente. Essa relação entre quem conta e quem "ouve" - *entre aspas pois não é somente escutando que se conhece algo* - é essencial para as relações humanas.

Dito isso, para melhor entendimento de vocês a respeito desse bocado de gente que citei aqui, deixo aqui neste documento, um esquema, uma árvore genealógica com todos que citei – não dava para colocar todo mundo na árvore, então nela estão presentes quem é mais próximo de mim “sanguinamente” falando.





Padrasto - Paulo



Madrasta - Silvia



Tia - Marília



**Padrinho -
Manoel
Fernando**



Irmã - Valentina



Madrinha - Aurora



Tio - Irineu

Agora, paramos pra pensar: onde surge o teatro nessa história aí hein Tiela? Ah, o teatro... comecei a vida nos palcos muito novinha, com três aninhos já fazia peças na escola. Fazia canto coral, e me descobri cantora também muito nova. Tem uma história interessante, que foi quando, por pressão de uma prima que amo, decidi me inscrever no concurso de canto da minha escola, o FICOM - *Festival Interno do Colégio Objetivo de música; é muito interessante estar escrevendo isso no dia de hoje, pois essa noite tive um sonho muito saudoso, no qual eu estava nessa escola que passei toda a minha vida, e que simplesmente sou grata por ela, por toda sua equipe e por absolutamente tudo que vivi lá* - e que ainda cantaria uma música chamada "Choram as Rosas" da dupla Bruno e Marrone.

Difícil seria dar a notícia para a minha mãe, fanática por MPB e Rock, que a filha dela ia cantar sertanejo na competição! Ela, obviamente, não ficou feliz com a escolha da música, mas me apoiou fortemente logo depois de ter ficado incrédula; "É a primeira vez que você vai cantar sem o coral! Mamãe está empolgada com você!" - *eu sentia que ela estava um tanto quanto nervosa, pois eu demonstrava estar muito ansiosa com o fato de estar sozinha no palco cantando para um bando de gente.*

O dia chegou, eu cantei, ela dizia que foi o momento mais lindo da vida dela, e a música que ela tanto odiou virou a nossa - *inclusive, foi minha primeira tatuagem: sua assinatura e uma rosa chorando-* e eu, que me lembro de ter assustado muito na hora, fiquei em segundo lugar. Desde então, só foi consolidando o que eu sempre dizia: o palco é minha casa! Minha mãe, que antes de falecer viveu o que seria sua última experiência me assistindo, me disse "te perdi para o mundo; o mundo é seu, minha atriz!" - *me lembro que ela ligou para os meus avós dizendo que tinha uma filha atriz, e das boas, chorou muito e riu também; dizia que se eu algum dia escolhesse, por exemplo, ser médica, ela voltava pra puxar o meu pé.* E olha, que depois da sua morte, me perdi sim. Comecei um curso que de nada me interessava, por pressão de alguns parentes chatérrimos, fiquei ausente de tudo que amava por um tempo, mas finalmente, corri para os braços da minha arte favorita: o teatro!

Dessa forma deixo aqui a pergunta que fiz a mim mesma em determinado momento no curso: "Porque não juntar as coisas que mais amo na vida: o teatro e as pessoas mais velhas?", e assim lhes apresento minha primeira experiência - *e a mais incrível dentro da universidade* -, que mais a frente, aqui nesse memorial, irei detalhar para vocês, em ministrar teatro para idosos: a Tremenda Arte para a Melhor Idade: Oficina de Teatro Sênior, que aconteceu no ano de 2022, dentro da atividade denominada

COMUFU (Comunidade e UFU em cena), na disciplina Estágio III, com o docente que hoje é meu orientador, Henrique Bezerra – *a quem eu sou grata eternamente por ter vindo parar aqui em Uberlândia*.

Não foi uma experiência que vivi sozinha! Minhas companheiras que toparam o público-alvo e fizeram da minha vivência a melhor possível: Jéssica Ribeiro e Mavi Novais, a vocês, o meu amor e gratidão. Como contarei daqui a pouco - *o que não me impede de já dar um spoiler* -, nesta oficina trabalhamos a contação de histórias, e como resultado do processo, apresentamos causos do grandioso Rolando Boldrin¹ que me fez pensar, questionar, querer fazer e pesquisar: como, ao invés de roteiros prontos, posso utilizar a memória e história desses idosos para a criação de cenas? O que também me levou à pergunta principal que guiará todo o meu texto: **qual o impacto da utilização da memória pessoal de idosos na criação de cenas teatrais para promover um ambiente de autonomia e expressão?** Foi essa indagação que me levou a mais dois trabalhos que me fizeram brilhar os olhos e esquentar o coração: a minha oficina teatral de pesquisa para pessoas maiores de 50 anos, e meus quase seis meses de trabalho como professora de teatro no estúdio Evoé, para o mesmo público, que no decorrer desta escrita, também estarão contados e destrinchados para que possam conhecer a minha vivência e quem sabe, sentirem tocados pelo que escrevo.

E ainda vos digo: com meu trabalho, pretendo reintegrar o idoso a sociedade, e firmar a ideia de que o que encerra a vida é a morte, e não a idade avançada. A terceira idade não necessariamente deve ser a última, e quem está nela não deve viver a vida aguardando o encerramento dela. Os idosos podem e devem viver, e não apenas sobreviver; não são seres inúteis e que já cumpriram tudo o que tinham para cumprirem, como diz a escritora, ativista social e educadora brasileira Beatriz Pinto Venâncio: "[...] ficamos cada vez mais velhos, mas quando se vive uma morte social, uma velhice invisível, uma lenta e infinita espera, antecipa-se o fim." (2008, p. 23). A minha pesquisa tem como princípio, mostrar que os idosos devem fazer parte de um local onde serão tratados como seres vivos, dotados de experiência, corpo ativo, donos de suas histórias e memórias e bastante respeitados.

¹ Rolando Boldrin (1936-2023) foi um ator, apresentador e compositor brasileiro, conhecido por seu programa "Som Brasil", que celebrava a música popular. Ele também era um grande contador de causos, e encantava o público com histórias e narrativas que valorizavam a cultura e a tradição brasileira. Sua carreira no teatro e no cinema também o destacou como uma figura importante na arte nacional.

Ah, e gostaria de dizer também que usarei nome fictício para os participantes de todos os trabalhos que aqui citarei, e, para ficar mais divertido, colocarei nomes de atores e atrizes importantes do cenário artístico brasileiro. Confesso que está sendo muito divertido pensar em atrizes renomadas que se parecem de alguma maneira com meus alunos, e que, faço questão, de, depois de pronto, mostrar este memorial e contar para eles sobre quem é quem e por quê.

CAPÍTULO I - O Teatro ComU(FU)nitário

Aqui na Universidade Federal de Uberlândia, no currículo para o curso de Teatro licenciatura, são obrigatórios quatro estágios, sendo os dois primeiros em escolas e os dois últimos, voltados para uma ação chamada COMUFU – Comunidade e UFU em cena, que consiste em oficinas gratuitas de teatro para a comunidade überlandense. Então os graduandos se juntam em duas ou três pessoas e criam toda a sua oficina, orientados pelo docente do componente curricular - que no meu caso, como já supracitado, foi orientado pelo meu professor Henrique Bezerra.

Sentadas em uma mesinha, bem antes de começarmos a disciplina Estágio III, Jéssica Ribeiro, Mavi Novais e eu, chegamos a nossa primeira conclusão: não abriríamos mão de trabalhar juntas. Manifestei minha vontade de trabalhar com o público idoso, e juntas batemos o martelo de que esse seria o público alvo; e também, decidimos que, como resultado final (uma apresentação), faríamos algo relacionado ao grandioso Rolando Boldrin, apresentador e escritor, muitíssimo conhecido pela sua contação de causos, principalmente voltados para a temática caipira - *o que foi muito interessante para mim pois, eu já havia trabalhado com a Mavi em outra disciplina os contos de Rolando, e também, como goiana nata que sou, cresci assistindo-o com meu avô, que também é um tremendo contador de causos, como já dito lá em cima.*

Entre os diversos significados atribuídos à palavra 'comunidade' por escritores e estudiosos, opto por destacar a definição que mais se relaciona com meus trabalhos, do sociólogo e antropólogo britânico Anthony Cohen (1985, apud NOGUEIRA, 2020, p.175)

Comunidade não se define apenas em termos de localidade. [...] É a entidade à qual as pessoas pertencem, maior que as relações de parentesco, mas mais imediata do que a abstração a que chamamos de "sociedade". É a arena onde as pessoas adquirem suas experiências mais fundamentais e substanciais da vida social, fora dos limites do lar.

Dessa forma, uma comunidade pode ou não ser definida por sua localização, e também pelos interesses de seus participantes. O ambiente de acolhimento e pertencimento para os idosos por meio do teatro e do fazer teatral, reflete a ideia de 'comunidades de interesse' de Kershaw (2015, apud NOGUEIRA, 2020, p. 174), pesquisador em Teatro e performance britânico. Mesmo que os participantes venham de diferentes localidades, o teatro - *no caso desse trabalho* - cria um espaço no qual eles podem se reconhecer e celebrar sua identidade comum, fortalecendo laços sociais.

Eu e minhas companheiras de oficina nos perguntávamos o que moveria essas pessoas, maiores de 50 anos, a saírem de suas casas todo sábado de manhã, das 9h às 11:30h? Abrimos o formulário de inscrição, e ao todo tivemos 20 inscritos; *o que mais me deixou intrigada foi aquele senhor, o único homem da oficina, levado "na marra" pela sua namorada... Será se ele ficaria até o final? será que todos permaneceriam? Foi um momento de muita dúvida, excitação, e com certeza de alegria, pois 20 pessoas eram muito mais do que eu esperava.*

I.1) Quem ficou, ficou!

Me lembro que o primeiro sábado - 22 de outubro - que nos reunimos foi extremamente esperado, por não saber o que nos esperava. Já havíamos montado um grupo no WhatsApp, e por lá eu e as meninas ficávamos motivando a todas - *como tivemos apenas 1 homem na oficina, vou carinhosamente tratar-me dessa turma no feminino* - para chegarem com alegria e vontade. A turma variava as idades: tínhamos de 50 a 80 anos. Desses 20 inscritos - *umas cinco pessoas nem chegaram a ir, duas foram nos dois primeiros encontros e logo tiveram imprevistos que inviabilizaram a disponibilidade delas* -, até o espetáculo final permaneceram 13.

E foi na roda de apresentação da turma e de nós professoras que a emoção começou a tomar conta; não teve uma pessoa que não chorou. Teuda Bara, 59 anos, disse que ficou sabendo da oficina pela filha que é discente do curso de Teatro da UFU, e que foi estimulada pela mesma a ir; não precisou de muito esforço pois onde há arte, estará lá.

Nívea Maria e Grauce Graieb, irmãs - *quase que gêmeas, extremamente parecidas, muito amigas, e repletas de brincadeiras uma com a outra; eu sabia que seriam meus xodós* - , fizeram as inscrições juntas, se estimularam e eram duas das mais tímidas e também as duas mais velhas do grupo - *o que no primeiro dia, causou um certo*

desconforto nelas, um nervosismo por estarem rodeadas de pessoas mais novas; não demorou nada até elas perceberem que não importava a idade, todas estavam no mesmo lugar, fazendo as mesmas coisas!

Zezé Motta, definitivamente a mais engraçada e "atrevida" - *quase uma Dercy Gonçalves, ríamos a todo momento de seus papos e piadas sexuais*. Susana Vieira e Glória Pires, duas professoras de arte que se diziam com dor no coração por não terem feito o teatro como a matéria escolhida no campo artístico, dançarinas, pintoras, de tudo um pouco - *na verdade muito talentosas em tudo*.

Marieta Severo, uma professora de Português apaixonada pelo teatro e que tinha o costume de usar o fazer teatral em sala de aula - *queria aprimorar*. Maitê Proença, com seu sotaque bonito, Lilia Cabral que vivia perdendo a hora e fazendo todas nós rirmos e Christiane Torloni com sua dicção admirável e muita postura.

Glória Menezes e Tarcísio Meira, o casal de namorados que foram explorar, para além da dança que já faziam, as atividades teatrais. Zezé Polessa, que alegou ter vivido sua vida todinha em prol dos outros - pais, marido, filhos - e que nunca tinha parado para fazer algo por ela mesma; nem mesmo ler e escrever. Ficou com vergonha de dizer isso, e chorou muito ao dizer que essa aula semanal que parecia pouco, era tudo de mais importante que havia feito por si mesma durante toda sua vida. Que daquele momento em diante, nunca mais iria se deixar em segundo plano. Me lembrou de uma parte de um livro que gosto muito e foi muito importante para a minha pesquisa, chamado "*Pequenos espetáculos da memória*" de Venâncio (2008, p.14) que diz:

compreendendo a cidadania não apenas como o exercício de direitos e deveres, mas também como a oportunidade de viver experiências estéticas e experimentar linguagens que foram negadas anteriormente às participantes do grupo, oferecendo-lhes a garantia de pertencer a um espaço onde prevaleceu o respeito, a confiança mútua e a delicadeza.

A importância desse momento foi tanta, que mudou o rumo da aula do dia; sem contar que a conversa durou muitos minutos a mais do que havíamos planejado, nos abraçamos, choramos, e o sentimento entre Mavi, Jéssica e eu era um só: vontade de criar com aquelas pessoas o que todas falaram, o que era um desejo em comum: um lugar onde pudessem ser elas mesmas. Dessa forma, demos início aos trabalhos, à criação de laços e de um ambiente aconchegante, que se tornasse o que elas queriam que fosse.

I.2) Do início ao fim.

Eu e as meninas optamos por, nos primeiros encontros, para além de aquecimentos corporais e vocais que estiveram presentes em todas as nossas aulas, fazer atividades que estimulassem o aprendizado dos nomes, a criação de laços, o carinho entre elas e entre nós. Os exercícios corporais de aquecimento iam sendo criados a cada sábado por uma de nós, e sempre variavam dentro de uma mesma premissa: deixar os corpos prontos para os trabalhos práticos.

Fazíamos exercícios de esticar e encolher membros e corpo todo, dávamos atenção a todos as partes do nosso corpo, principalmente aos nossos pés, mãos e pescoço. Trabalhávamos com o relaxamento, com o foco naquela parte do corpo mais tensa, na intenção de relaxar; fazíamos o check-up todo sábado sobre como estavam nossos corpos e o que poderíamos fazer para melhorá-lo, incentivá-lo, sem sair muito de nossas limitações – *o que é muito interessante; quando paro para lembrar, recordo de que não havia reclamações, todas sempre prontas para qualquer comando; se existia dor, naquelas 2h ela sumia*. Sentavam no chão, deitavam, rolavam. Se, em algum momento elas se sentissem desconfortáveis em sentar no chão, usavam as cadeiras.

Figura 1- Alunas da oficina Sênior durante exercício imersivo



Fonte: Imagem da autora (2022)

Conforme os sábados foram passando, aumentamos também a estimulação da criatividade, da contação de histórias, despertar e compartilhamento de memórias. *Você deve estar se perguntando: como? E eu vou te contar um pouquinho!* Elas fechavam os

olhos, fazíamos imersão em cenários como fundo do mar, festa, andávamos pelo espaço como se estivéssemos pisando em areia quente, água gelada, como se estivéssemos em um deserto há dias e finalmente nos deparávamos com água – *como era aquela sensação?* *E o mais legal pra mim é que não havia necessidade dos olhos fechados; a cada comando elas “obedeciam”, e depois, na hora de comentar, sempre nos diziam que o objetivo foi atingido, e elas estavam sim naquele lugar indicado por nós professoras.*

Havia o jogo de sentar-se em roda, uma começar a contar uma história e outra ir dando continuidade tal como Viola Spolin propõe na ficha A76 do “Jogos Teatrais – o fichário de Viola Spolin”, e desse exercício saíam as histórias mais engraçadas e criativas sempre; também fazíamos a fisicalização de objetos e passávamos esses objetos para outra pessoa, e assim sucessivamente – *esse jogo consta na ficha A35 do fichário da Spolin, e é importante ressaltar que todos os jogos de Viola que utilizamos, criávamos também várias variações, como por exemplo esse da fisicalizacao: fazíamos a versão de objetos dentro de gavetas, malas cheias de agulhas (como seria encontrar algo lá dentro e pegar?).* Andavam pelo espaço, explorando-o, cumprimentando-se de maneiras inusitadas, sem poder usar as mãos, somente fazendo sons, dançavam todas as músicas de quaisquer ritmos que colocássemos; mas a preferida foi com certeza a do cantor Alceu Valença – Lá Belle de Jour.

Figura 2 – Alunas da oficina Sênior durante exercício de reconhecimento do próprio corpo e do corpo do outro



Fonte: Imagem da autora (2022)

Éramos elogiadas a cada exercício, não havia nada que elas não amavam fazer. Explorávamos as velocidades – *falávamos*: “*velocidade 1! Mas a velocidade tem de ser a mesma entre vocês! Vocês são um grupo!*”, - os planos, os sentidos, as emoções, tanto com músicas – *as colocávamos para experimentar ritmos diferentes, tanto a favor, quanto contra o ritmo; como exemplo, mover-se lentamente enquanto tocava um rock pesado* - quanto com as histórias – *me lembro que teve um momento e que pedimos para que elas levasssem um objeto que fosse importante para elas; em duplas, contavam em um novo idioma inventado na hora por elas, e depois deveriam contar a história que entenderam daquele novo som que queria dizer alguma coisa. Ao final, elas tinham mais alguns minutos para falar normalmente sobre o porquê da importância daquele objeto, para que servia, como forma de estimular a memória, as emoções, a vontade de compartilhar histórias com o grupo.*

Algo que não posso deixar de dizer – *creio que não é a primeira nem a última vez que vou citar isto aqui* – é que a pedagoga e atriz Viola Spolin, está presente em todos os meus trabalhos; tanto seus jogos, quanto a maneira que enxerga o teatro e o improviso. Dizíamos a elas enquanto professoras de teatro que, como diz Spolin (2010, p.3), no seu livro "Improvisação para o Teatro": "Todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco.". A atuação existe para quem deseja atuar. Teatro é para todos. O jogo teatral para ela (Spolin, 2010, p.4):

é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. [...] desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem para oferecer — é este o exato momento em que ela está verdadeiramente aberta para recebê-las.

E que ainda, (Boyd, 1971, apud Spolin, 2010, p.5):

O jogo é psologicamente diferente em grau, mas não em categoria, da atuação dramática. A capacidade de criar uma situação imaginativamente e de fazer um papel é uma experiência maravilhosa, é como uma espécie de descanso do cotidiano que damos ao nosso eu, ou as férias da rotina de todo o dia. Observamos que essa liberdade psicológica cria uma condição na qual tensão e conflito são dissolvidos, e as potencialidades são liberadas no esforço espontâneo de satisfazer as demandas da situação.

A cada sábado, a contação de histórias se tornava mais presente. Eu e as minhas parceiras levávamos exercícios para estimular, mas se não levássemos também, elas contavam por si só! No começo dos encontros sempre estavam conversando entre si,

contando sobre como foi a semana ou histórias da vida. *Me lembro de sempre intrometer e pedir para que me contassem também e em uma dessas surgiu a história de como Tarcísio e Glória haviam se conhecido e começado a namorar.* Em um momento, dividimos a turma em trios, elas contavam uma história (cada trio com três histórias então), e cada uma deveria encenar a história da parceira para a plateia.

Algo interessante que quero contar aqui, é a respeito de uma história que contempla um objetivo que sempre desejo conquistar em minhas aulas, oficinas e estudos: a criação de um ambiente de autonomia e conforto para meus alunos. E me recordo que em poucos encontros, eu Jéssica e Mavi já tínhamos a sensação (e a afirmação das alunas) de que o ambiente confortável e autônomo estava criado. Em um encontro como qualquer outro, uma das alunas levou o neto, de mais ou menos uns 7, 8 anos. Ficamos meio incomodadas pelo fato de não termos sabido antes da presença da criança para perguntar para as outras meninas se elas se importariam com tal fato. Acreditamos que tudo daria certo. Quando nos aproximamos do final do encontro, houve um momento em que a criança foi com a avó ao banheiro, e as meninas aproveitaram para reclamar sobre a presença da criança, principalmente Zezé Motta; ela alegava que com a criança lá, elas ficavam impedidas de falarem o que quiserem, que as piadas ou assuntos sexuais ficaram entaladas a todo momento, e que aquilo não podia voltar a acontecer pois lá era o lugar delas. Somente delas; e todas as outras concordaram e começaram a falar também. Me recordo de ficar com os olhinhos brilhando com tanta sinceridade e incredulidade dela – *e também assustada pois como eu impediria alguém de entrar com uma criança se viesse a acontecer novamente?* Me vi muito nela pois com certeza era algo que me faria reclamar. E ela estava certa! Passamos a pedir que daquele momento em diante, não fosse levado mais nenhum convidado, desde que não tivesse como mesmo não levar.

Os jogos da Viola também as instigavam sobre a existência de um público, e como seria atuar na presença dele, como diz Venâncio em “experimentar os exercícios propostos por Spolin incentivou o grupo a se interessar pela comunicação física direta com a platéia, criando a realidade teatral.” (2010, p. 35). Por isso jogos do “Onde” “Quem” e “O quê” foram tão importantes. Eu, Mavi e Jéssica escrevemos diferentes “personalidades” em papeizinhos (ex: dentista, mulher da vida...), fizemos sorteio, e cada uma pegava um, se preparava, e sentava em uma cadeira tal como essa personalidade se sentaria. O público deveria acertar quem era. Fizemos isso com lugares também, com a turma dividida em duas. Lugares como Igreja, cemitério, salão de beleza, eram demonstrados. Disso, íamos para improvisações: como um roceiro iria a um salão de

beleza contar uma piada? Como uma manicure iria ao mercado rezar um terço? *Ah, como era divertido! Enquanto vos escrevo esse parágrafo, estou com minha avó no hospital, ela está internada e eu estou dormindo com ela; nesse momento me encontro escrevendo TCC, cuidando dela, e cuidando da outra senhora que está dividindo quarto com ela. Estou muito ansiosa e desejando mais do que tudo que minha avó se recupere, mas me sentar aqui na mesinha do quarto e escrever sobre essas memórias divertidas faz com que a noite no hospital seja menos difícil!*

Zezé Polessa, que alegava nunca ter vivido a sua vida, que viveu sempre pelos outros - *como já supracitado* -, era uma das que mais nos fascinava, tinha uma certa timidez, um certo desconforto em falar em público, advindo dessa vida na qual ninguém a ouvia; ao final da oficina, era nítida sua evolução, tanto como atriz mas principalmente como pessoa; até o tom da voz mudou: ela falava baixinho, amedrontada, e com os encontros, fazia piadas, falava de seus sentimentos, fazia sua voz mostrar que ela tem sim um lugar no mundo! Na apresentação final - *que já vou-lhes contar mais detalhadamente* -, o temido público já não mais a atormentava ou causava timidez; se sentia admirada, notada, e com certeza merece destaque aqui nesse relato que vos faço. - *Devo confessar-lhes que a cada frase escrita, volto, leio tudo de novo, e acrescento coisas; sinto que nunca vou terminar de escrever!*

Como iríamos ter - *curtíssimos* - três meses de trabalho, já havíamos estipulado que trabalharíamos contos de Rolando Boldrin, como já dito. Eu e minhas colegas professoras pesquisamos pelos contos, imprimimos quatro deles e levamos. No encontro, dividimos a turma em dois grupos e pedimos para cada grupo escolher um conto para lerem, e encenar para a turma; foram eles: “Êta, Caboclo Miserável” (grupo I) e “Apetite de Formigão” (grupo II). Deixamos para elas o trabalho de apresentar o conto 10 minutos após conhecê-lo, como forma de trabalhar a improvisação.

O grupo I encenou a história com a presença de um narrador; o grupo II colocou um grupo de samba – o Formigão era um rapagão apaixonado por roda de samba e feijoada – para que todas tivessem um personagem. Ficamos maravilhadas com a saída que ambos os grupos tomaram para que todos aparecessem.

Me lembro que no primeiro encontro, havíamos comentado sobre uma apresentação ao final da nossa oficina, com plateia e tudo, e isso as deixou empolgadas e muito amedrontadas; conforme os encontros iam acontecendo, foi possível ver que esse medo se tornava anseio por chegar logo, apresentar e sentir aquela sensação de ser

assistido, julgado e aplaudido que muitos ali haviam sentido somente através da dança, como por exemplo o casal Tarçísio e Glória e Susana Vieira.

Os grupos que havíamos separado para apresentarem no improviso os contos, foram os grupos da apresentação final. Durante os encontros que depois foram se tornando ensaios e preparação para a grande apresentação, tivemos a notícia de que Rolando Boldrin havia falecido, o que deu para turma uma sensação de "vamos homenagear essa figura ilustre que foi Rolando"! Com esse acontecimento, notamos um empenho maior ainda, elas queriam orgulhar Orlando - *mal sabiam elas que o que queriam, era orgulhar a si próprias*. Outro fato legal que acontecia, era que cada uma se ajudava, dava opinião, formulavam soluções; a opinião final era minha, de Mavi e Jéssica, o que não impedia os grupos de darem alternativas excelentes para as dúvidas que iam surgindo.

Conforme os ensaios iam acontecendo, elas levavam objetos que poderiam compor nosso cenário e figurino e dávamos novas funções para eles – *chapéus de palha viravam um barco, xícara de porcelana virava um acessório; tudo dependia dos nossos comandos e principalmente da imaginação delas*; - conversas entre os grupos para decidir como seria tudo. Tiveram participação em todos os âmbitos dessa apresentação. E uma pergunta surgiu: como iríamos começar o espetáculo e também unir um conto ao outro? E depois de tanto pensar, eu, Mavi e Jéssica, optamos por colocar uma alteração do exercício mais amado pela turma para iniciar o espetáculo, a caminhada pelo espaço, citada em três fichas do "Fichário de Jogos Teatrais" (Spolin, 2008). Bastava escolher a música, que não foi nada difícil.

Figura 3 – Alunas da oficina Sênior em exercício de “brincar” com o objeto



Fonte: Imagem da autora (2022)

A apresentação aconteceu no dia 12 de dezembro de 2022, na Universidade Federal de Uberlândia, no bloco 3M, na sala de teatro chamada Interpretação. Era uma apresentação de 15 minutos no máximo; fizemos uma de meia hora. A estrutura da nossa apresentação ficou assim: começavam caminhando pelo espaço, que nesse dia era o “palco”. Durante a caminhada, elas sentiam o corpo, movimentavam de acordo com ele, sentindo, seja qual sentimento fosse, sempre se respeitando e respeitando o corpo e o espaço da outra – sempre assim durante as aulas, e fizemos assim durante a apresentação também; para compor com a cena, no espetáculo, colocamos a música "La Belle de Jour" do cantor e compositor Alceu Valença, considerada pelo grupo a música tema de toda a nossa caminhada juntas. Andavam pelo espaço, dançavam Alceu, começava o conto do formigão, e depois o do Caboclo; para finalizar, "O Que É, O Que É?" de Gonzaguinha. Segundo a turma, a vida é linda, bastava vivê-la como queriam!

Chegaram no grande dia, se arrumaram no camarim, e uma amiga do primeiro período do curso de Jornalismo da UFU pediu parar fotografá-las. Toda a turma e nós professoras autorizamos. A concentração e ansiedade no camarim eram intensas. A sensação de missão cumprida também. Durante a ida pro local de apresentação, estavam extasiadas. Foram aplaudidas de pé, ovacionadas. Por excesso de plateia, foi perguntado à elas se estariam aptas a apresentar de novo. A princípio, Eu, Mavi e Jéssica pensamos que elas não aceitariam, visto o calor excessivo que fazia na sala, e a falta de conforto, já que ficavam de pé na coxia esperando sua vez de estar em cena. Não precisamos nem terminar a pergunta; elas já se colocaram de prontidão e extremamente felizes por ter tanta gente esperando para vê-las. Foi a melhor coisa que aconteceu comigo em todos os meus anos de faculdade; e saber que foi a melhor coisa para essas pessoas só torna o momento mais inesquecível ainda. O orgulho, excitação e ânimo em apresentar, e ainda reprisar; não houve erro de falas, movimentação de cena ou qualquer outra coisa; foi impecável; - *pode parecer papo de professora extremamente orgulhosa, e talvez seja. Mas quem viu sabe.*

Figuras 4, 5 e 6 – Alunas da oficina Sênior durante a concentração no camarim momentos antes da apresentação.



Fonte: Imagem de Camilla Pimentel, aluna do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia (2022)

Figura 7 – Alunas que apresentaram o conto “Êta Caboclo Miserável”



Fonte: Imagem de Camilla Pimentel, aluna do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia (2022)

Figura 8 – Alunas que apresentaram o conto do Formigão



Fonte: Imagem de Camilla Pimentel, aluna do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia (2022)

Figuras 9, 10, 11, 12 – Apresentação da Oficina Sênior





Fonte: Imagem de Camilla Pimentel, aluna do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Uberlândia (2022)

Figura 13 – Público e artistas que apresentaram no Encontrão



Fonte: Imagem de Henrique Bezerra (2022)

I.3) Considerações Finais Sobre a Oficina Sênior

Prometo evitar mais papo de professora-diretora orgulhosa. É interessante analisar que os desafios da oficina - ou de qualquer outro trabalho - não se modificam ao longo do tempo. A princípio, era de que maneira apresentar o fazer teatral a elas; depois, as inseguranças com o nosso trabalho ainda muito principiante - *enquanto vos escrevo vejo o quanto fomos profissionais, modéstia a parte* -. Depois, conflitos da turma - *como por exemplo divergências sobre a movimentação de cena, ou com a distribuição de personagem: me lembro que havíamos dado ao Tarcísio o papel de Formigão. Porém, ele faltou alguns encontros, e quando voltou a ir, havíamos dado o papel a outra pessoa; sua namorada Glória, aprontou um escarcéu, desesperando a mim e as professoras. Como resolver? Acho que não existe uma resposta específica! Voltamos o papel para ele. Nos perguntávamos se foi certo. Também não creio que exista uma resposta. Isso mostra que tudo depende de muita coisa.* Os problemas não aparecer, isso é certeza. Basta analisá-los e chegar a uma conclusão que conte a turma - ou pelo menos a maioria dela - e você, professor.

Dito isso, gostaria de usar esse espaço e esse momento para lhes contar que, após pouquíssimo tempo - *algo em torno de 7 meses* - depois do espetáculo, nosso aluno, o único homem da turma, nosso formigão, carinhosamente apelidado aqui de Tarcísio, veio a falecer devido a um câncer que havia sido descoberto recentemente. Uma notícia que abalou a mim, as professoras e as outras meninas da turma. Que bom que o Comufu aconteceu, que nos conhecemos, e que fizemos algo tão memorável. As pessoas não e as memórias e histórias partilhadas ficam.

Durante esse processo do Comufu, me peguei pensando em como seria montar um espetáculo com as memórias dos participantes da oficina. Como seria o processo, a preparação, a montagem, tudo. Mas foi em Pesquisa I, com o professor doutor Wellington Menegaz de Paula, e com a leitura do livro “*Pequenos espetáculos da memórias*” de Beatriz Pinto Venâncio, que eu decidi montar um grupo teatral com pessoas idosas, com foco para além da criação de um ambiente confortável para eles, utilizar a memória como objeto de estudo e criação de cena. Convido a vocês a entrarem comigo no próximo capítulo, na oficina de Teatro 50+ da Tiela.

CAPÍTULO II – Oficina de Teatro 50+ da Tiela!

É um tanto quanto engraçado me lembrar de como essa oficina foi sendo pensada, afinal, eu estava muito nervosa! Seria a minha primeira experiência sem minhas companheiras/professoras, sozinha com meus alunos; e aí estava mais uma questão. Como eu faria para que a oficina tivesse gente interessada nela? Jéssica, como eu ainda não era tão talentosa em fazer arte gráfica – *continuo não sendo, mas agora pelo menos eu me viro e muito bem* – me ajudou criando uma arte, para que enfim eu pudesse divulgar e convidar a todos para minha oficina.

Comecei a divulgar em agosto de 2023, para que pudesse dar início aos encontros em setembro, e prosseguir até novembro – *na época, eu havia trocado uma ideia com meu antigo orientador Tom sobre tempo de oficina, que seria pouco, mas que eu faria qualquer que fosse o número de encontros render; tínhamos problemas com sala, final de semestre confusos desde a pandemia, etc...*

Aproveitei que na oficina Sênior havia feito muita amizade e contatos com pessoas 50 +, e comecei divulgando com elas, enviando em grupos de WhatsApp já existentes, em grupos da universidade, para amigos divulgarem para os parentes de Uberlândia, e também pedindo para aquelas que já haviam feito aula comigo convidar as pessoas. Foi assim, desse jeitinho, que consegui que 13 pessoas fizessem a inscrição, o que me deixou com o coração quentinho e muito empolgada para começar.

II.1 - As mulheres da oficina 50+.

Das 13 mulheres incríveis que se inscreveram – *o que não era um requisito para fazer parte da oficina*-, conto a vocês que quatro fizeram parte da oficina Sênior: Suzana Vieira, Glória Pires, Marieta Severo e Lília Cabral sendo as três primeiras as que mais foram aos encontros e ficaram até o final – *Lília Cabral não continuou conosco, mas participou de um encontro, e sempre era ativa no grupo de zap!* Das nove que faltam apresentar a vocês, apenas quatro participaram da oficina, então, somente as quatro vou lhes apresentar: Aracy Balabanian, Vera Fisher, Elisa Lucinda e Nathalia Timberg. É interessante contar que nenhuma delas conheci no primeiro encontro! As que foram no primeiro encontro infelizmente, por indisponibilidade de horário, não puderam dar continuidade.

Aracy, na época, estava com o filho e o marido doentes, e custou arranjar um tempo para si; e o que conseguiu, dedicou ao teatro! Tímida e meio calada, quando foi nos conhecendo, foi se soltando e ficando cada vez mais falante e empolgada. Vera Fisher, com seus olhos azuis arregalados, a mais empolgada de todas, demonstrava felicidade e empolgação a todo tempo, preenche os lugares com sua alegria de viver. É professora e amante da arte; seu sonho é ser atriz. Elisa Lucinda, repleta de paz e elegância, demonstra uma calma inabalável e uma confiança incrível em si mesma. Cantora profissional, que já participou inclusive de programas globais! – *THE VOICE BRASIL!* *Eu me acabo em orgulho quando conto isso para as pessoas.* E por fim, mas não menos importante, Nathalia Timberg, bem-humorada, empolgada para todos os exercícios, passava um ar de quem sabe o que está fazendo: já era atriz há anos, e estava muito feliz em voltar a fazer teatro. São elas as sete mulheres que fizeram dessa oficina um verdadeiro aprendizado para mim, repleto de emoções, risos, choros e autoconhecimento.

Vale relembrá-los de que eu estava ansiando por essa oficina, principalmente pela minha vontade em conhecer os idosos mais a fundo e em utilizar mais a contação de história da vida dos idosos e suas memórias em cena. Ressalto novamente também, sobre como a oralidade e a memória andam juntas em prol da imortalidade do indivíduo, de certo modo, no sentido de que a vida humana uma hora se finda, mas suas histórias ficam! Além disso, Venâncio diz em “Nos campos da gerontologia, psicologia social, antropologia e ciências sociais, o idoso ganha destaque como "mensageiro da memória" personagem-elo entre gerações, recuperando, de certo modo, seu papel de transmissor de um passado vivido.” (2008, p.45). Portanto, é de extrema importância que essas mulheres que se propuseram a participar comigo da minha pesquisa, e todos os outros alunos que tive em todos os meus trabalhos aqui citados, se sintam confortáveis em compartilhar suas histórias e trabalhar em cima delas, seja modificando-as em prol de uma cena, ou visualizando-as através dos olhos de um colega da turma.

II.2 - Do início à cena.

No início de cada encontro, que ficou estabelecido como sendo as segundas-feiras, das 19h às 21h, eu sempre falava sobre minha pesquisa para as meninas, que, para além de um ambiente confortável e alegre, gostaria de focar bastante na contação de histórias, memórias, e que ao final da oficina, eu gostaria que fizéssemos uma apresentação, cujo roteiro fosse criado a partir dessas memórias. Combinei com a turma também que a cada

encontro feito, eu gostaria que mandassem protocolos, fossem eles um vídeo, áudio, desenho, texto, entre outros tipos, contando da experiência desse encontro, sentimentos, emoções; qualquer coisa que pudesse ajudá-las a expressar, e me ajudasse como sendo um feedback delas sobre minhas aulas, digamos assim.

Nossos encontros começaram dia 04 de setembro de 2023, no bloco 3M da Universidade Federal de Uberlândia. Diferentemente da oficina Sênior, que fizemos em uma sala de tamanho reduzido e pouco apropriada para encontros práticos, ficamos com uma sala enorme, com caixa de som própria e espelhos na parede – *de cara a parte favorita das meninas*. Durante o aquecimento, dançavam pelo espaço (uma adaptação do exercício da Viola Spolin “Andando pelo Espaço”), como forma de desenvolver a percepção do espaço e a consciência corporal nele e fora dele, e a relação do seu corpo com o corpo da outra; cada dia, duas delas escolhiam as músicas e elas dançavam e se relacionavam, sempre com a adição de comandos meus como por exemplo: “como é dançar tal música rápida em movimentos lentos?” (e vice-versa), “se cumprimentem durante a dança sem usar as mãos, ou fazendo um som diferente”, “essa dança é um grande desfile e vocês são modelos internacionais” – *esses são só alguns exemplos de comandos que as divertiam e as colocavam de corpo e alma presentes, e se amavam ao se verem no espelho.*

Figura 14 e 15 – meninas dançando pelo espaço na sala LAC no bloco 3M da UFU





Fonte: Imagem da autora (2023)

A música é algo muito importante para mim. Não consigo me imaginar em um mundo sem música. Para além de todos os benefícios que a música pode trazer, para mim ela serve também como um portal: nasci em 1998, mas a música é capaz de me transportar para outros tempos, tempos que eu nem sonhava em nascer, mas que se tivesse nascido teria me encaixado – desde nova, as pessoas me chamam de “alma idosa” por conta do meu gosto musical, bem antigo! A sensação de deixá-las escolherem as músicas era sublime, pois era como se eu as escutasse através delas! *Não me canso de falar que sou fascinada pela velhice!*

Antes de matar a curiosidade de vocês, caros leitores, sobre como se davam as aulas de maneira mais detalhada e divertida, devo contar-lhes que tivemos um percalço durante nossa jornada: o calor excessivo, e nossa sala não possuía ar-condicionado. Tiveram muitas faltas e dois encontros cancelados por conta disso. Teríamos 10 encontros do dia 4 de setembro ao dia 6 de novembro, e acabamos tendo somente 6. Com isso, as meninas propuseram que a apresentação final fosse somente entre nós, visto que não teríamos tempo para ensaiar e pensar nas demandas de um espetáculo; acatei o conselho, e fizemos a apresentação entre nós – o que não me impediu de filmar e editar, eternizando em vídeo a cena DELAS.

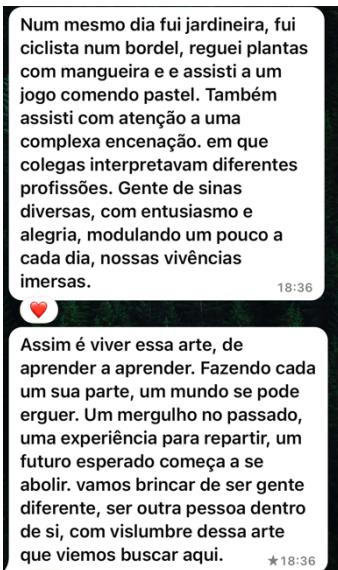
Para além dos exercícios de alongamento que não eram diferentes da minha primeira oficina e o dançar pelo espaço como forma de aquecer o corpo, em momentos

em que o calor estava insuportável, fazíamos um encontro mais leve, e começávamos com relaxamento; trabalhávamos a imaginação por meio de comandos que eu dava, com a finalidade de se transportarem para tal lugar, como uma floresta densa e úmida, ou um deserto seco e quente – *que definitivamente não era muito diferente daquela sala que mais parecia um forno*. Fazíamos também jogos para aprendermos os nossos nomes, como por exemplo falar o seu nome e um movimento, e o restante da turma imitar; o da troca de olhar, em roda, e convidar a outra a trocar de lugar apenas com olhar, ou depois falando o nome – *era muito engraçado pois havia momentos em que elas falavam o nome da colega tão confiante, mas não era o nome correto; nos acabávamos de dar risada, mas logo elas ficaram familiarizadas umas com as outras, e comigo também. Me lembro que elas me chamavam de “tia”, e eu amava, mas sempre as importunava falando “vocês estão me chamando de tia pois esqueceram meu nome né?” E elas respondiam, “claro que não, tia Marcella”!*

Fazíamos também jogos que já citei da minha primeira oficina, aqueles da Viola Spolin voltado para a contação de histórias e estimulação da criatividade – como o de sentar em roda e continuar a história que pessoa do lado estava contando -, o da transformação de objetos, os do “Quem, Onde e O quê”, com papeis sortidos em que elas deveriam pegar e mostrar para nós, a plateia digamos assim, o que havia pegado – *me recordo que em nosso segundo encontro fizemos o do ‘quem’, e em seguida fizemos uma improvisação: com a turma dividida em dois grupos, deveriam tirar três papeis: um “quem”, um “onde” e um “o quê”, que seria uma ação; com esses papeis em mãos, apresentariam uma improvisação, com falas, sem nos dizer com todas as letras quem são, onde estão e qual é a ação principal, apenas atuando e fisicalizando.*

Para vocês, caros leitores, entenderem um pouco do quanto foi divertido, tomei a liberdade de futricar em minhas anotações da oficina e contar com mais detalhes do que se tratou cada improvisação dos dois grupos: o primeiro contou com uma ciclista e uma astronauta assistindo ao jogo do flamengo em um bordel; o segundo tivemos uma presidiária, uma pintora, e uma médica, que estavam em uma competição de dança numa rua qualquer. Dentre todos os protocolos maravilhosos que recebi das meninas após essa aula, compartilho esses, respectivamente, das queridas Marieta Severo e Glória Pires, que após todos os encontros sempre me mandavam protocolos faça chuva ou faça sol, sem falta – *no nosso caso, sol, calor, muito calor!*

Figura 16 – Um protocolo em forma de texto no WhatsApp



Fonte: Imagem da autora (2023)

Acho muito importante destacar o quanto as meninas se sentiam desafiadas a cada exercício; o quanto eu escutei algumas dizendo “eu jamais vou conseguir fazer isso” e faziam incrivelmente bem. Marieta Severo, professora de português, escritora de livros e apaixonada por arte, a cada aula escrevia protocolos lindos que me faziam, para além de lembrar com clareza de cada momento da aula, da alegria que era o compartilhamento de cada cena, ou de cada jogo. E uma coisa que com certeza colaborou para essa confiança das alunas em mim ou nelas mesmas, e o conforto em apresentar no formato público-plateia, foi a ideia de que não deve nunca haver julgamento, não existe certo e errado. Há dificuldades sim em trabalhar em coletivo, como diz Spolin (Spolin, 2010, p.9)

Para o aluno que está iniciando a experiência teatral, trabalhar com um grupo dá segurança, por um lado e, por outro lado, representa uma ameaça. Uma vez que a participação numa atividade teatral é confundida por muitos com exibicionismo (e portanto com o medo de se expor), o indivíduo se julga isolado contra muitos. Ele luta contra um grande número de "pessoas de olhos malevolentes", sentadas, julgando seu trabalho. O aluno se sente constantemente observado, julgando a si mesmo e não progride.

E é uma responsabilidade da professora-diretora não deixar que ocorra julgamentos, que não exista uma educação punitiva e certo/errado, mau/bom. Spolin ainda diz (Spolin, 2010, p.9)

O procedimento para o professor-diretor é basicamente simples: ele deve certificar-se de que todo aluno está participando livremente a todo momento. O desafio para o professor ou líder é ativar cada aluno no grupo respeitando a capacidade imediata de participação de cada um. Embora o aluno bem dotado pareça ter sempre mais para dar, mesmo se um aluno estiver participando do limite de sua força e usando o máximo de suas habilidades, ele deve ser respeitado, ainda que sua contribuição seja mínima. Nem sempre o aluno pode fazer o que o professor acha que ele deveria fazer, mas na medida em que ele progride, suas capacidades aumentarão. Trabalhe com o aluno onde ele está, não onde você pensa que ele deveria estar.

Portanto, não deve haver de forma alguma uma separação hierárquica entre professor-diretor e aluno-ator, como se o professor fosse o único detentor do saber teatral e o aluno apenas um aprendiz passivo. *Estamos todos no mesmo barco!* Meu papel, como professora-diretora, é atuar como facilitadora do fazer teatral, inspirada nos princípios de Viola Spolin. Esse trabalho acontece, principalmente, por meio de jogos teatrais, que são ferramentas essenciais para estimular a espontaneidade, promover a criação coletiva e encontrar soluções cênicas dentro das práticas propostas.

Figura 17 – Um protocolo em forma de desenho



Fonte: Imagem da autora (2023)

Glória Pires, a maioria das vezes entregou protocolos desenhados. Ama se expressar por meio do papel. Um dos meus momentos preferidos de todos os encontros, era as meninas falarem mais sobre seus protocolos, explicar qual foi a inspiração, e assim, expressar também verbalmente, o que estavam achando dos nossos encontros. No caso deste, uma árvore firme, conectada a terra onde pertence; o tronco é a vida, forte, vivida, existente, e principalmente CONTADA! E os galhos são frutos que viver e contar a vida pode trazer. Você vive e morre, e no meio disso, você conta histórias. E era o que fazíamos na oficina.

Outro jogo que fizemos e gerou muita diversão na turma foi o “Que idade tenho?”, a ficha A61 do “Jogos Teatrais – o fichário de Viola Spolin”, no qual elas deveriam entrar pela porta da sala, caminhar até o ponto de ônibus (cadeira no centro do nosso palco improvisado”, chamar o ônibus e entrar nele, só que com uma idade que eu diria no ouvido da pessoa que faria o exercício; o público deveria tentar acertar tal idade representada. Portanto, teve gente de 10, 95, 6, 30, 20 anos indo tomar o ônibus!

O interessante foi que, a cada pessoa que apresentava, nos respondia logo em seguida qual idade tinha, se havíamos ou não acertado o palpite. Quando errávamos, a pessoa nos revelava a idade e eu fazia a seguinte pergunta “o que vocês acham que ela deveria fazer para que a idade ficasse mais clara? O que vocês mudariam? Quais conselhos vocês dão para a atriz?” E todas participavam, como atrizes e diretoras digamos assim. Um exemplo **que lhes trago**, foi quando a querida Suzana Vieira foi fazer o exercício com a idade dada por mim de 7 anos; mas o chute da turma foi que ela teria uns 14/15 anos. Como conselho, a turma deu a Suzana que fosse tomar o ônibus acompanhada, visto que 7 anos é muito jovem para andar de ônibus sozinha! É impressionante a quantidade de vezes que eu ficava de boca aberta para a entrega das meninas aos jogos propostos!

Aracy Balabanian, nesse mesmo jogo que contei para vocês, não quis participar pois dizia não ser boa como suas colegas, que se sentia envergonhada e que não tinha talento. Fizemos uma roda e conversamos sobre o que seria talento; ouvi que é algo que nasce com certas pessoas, que não está presente em todos e por aí vai. Usei desse diálogo para citar Spolin e o grandioso Augusto Boal – minhas duas maiores inspirações – diretor, dramaturgo brasileiro e um dos maiores nomes do teatro mundial, sobre como teatro é para todos sem exceção! Boal, justamente com o objetivo de tornar o teatro acessível a todos, com a convicção de que qualquer pessoa pode ser artista em sua própria vida, criou o Teatro do Oprimido e escreveu em sua obra “Teatro do Oprimido e outras Poéticas

Políticas” (2019, p. 14) que, o teatro começou sendo uma prática popular e participativa, mas foi transformado pelas elites em um meio de controle, separando atores e espectadores. Ele defende, em resposta, um teatro sem essas divisões, onde todos participem ativamente e sejam protagonistas nas transformações sociais, a essência de sua Poética do Oprimido. Dessa forma, afirmo mais uma vez que para mim, o teatro é para todos, é nosso, é necessariamente político. Depois dessa conversa, nossa querida Aracy se levantou e fez o exercício lindamente!

Fizemos jogos de “blablação”, jogos com objetos pessoais que as meninas levaram para nossos encontros, contação de histórias sobre tais objetos, trocas de histórias nas quais uma interpretava a história a outra, que inclusive tenha sido nosso encontro mais divertido! – A primeira parte do exercício seria em dupla, uma começava a contar a história do seu objeto com bastante gesto e movimentação corporal de acordo com a história e em um novo idioma que lhe viesse a cabeça (por isso o nome Blablação); elas começavam envergonhadas, as vezes até falando baixo. Conforme nós, a plateia dávamos risada, elas também se empolgavam e acabavam aumentando o tom e até gritando; confesso, que a segunda parte ainda me divertia ainda mais: a outra da dupla que ficou assistindo a contação devia contar o que havia entendido da blablação da colega – *doía a barriga de tanto rir*. Depois de tudo isso, vinha a explicação da real história do objeto, que muitos nos fizeram emocionar. Desde uma pedra do formato de um pezinho, até uma louça dada pela mãe já falecida.

Figuras 18 e 19 – Alunas da oficina com seus objetos





Fonte: Imagem da autora (2023)

Já pensando na nossa cena final, eu trouxe de proposta para as alunas a roda de cheiros – *que foi quando eu levei cheiros específicos sendo eles: café, amaciante, incensos, canela, manjericão; e por meio desses cheiros, elas contaram memórias da vida delas, memórias que foram ativadas pelo olfato!* A cada encontro, estávamos mais conectadas entre nós, e cada vez mais partilhavam histórias e memórias umas com as outras, fosse por meio de jogos, fosse no começo dos encontros, no intervalo, no final, ou entre jogos. E durante essas partilhas, é possível reconhecer o fazer teatral na contação, que é, essencialmente, uma encenação; “Uma espécie de teatro em que o espaço cênico e o espaço social, o dentro e o fora, estão em osmose permanente.” (Venâncio, 2008, p.29).

Figura 20 – Cheiros para a roda



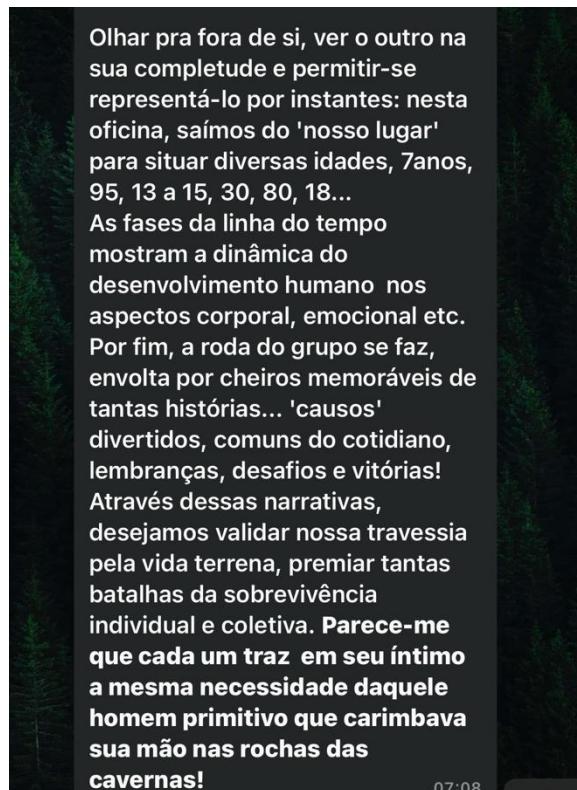
Fonte: Imagem da autora (2023)

Figura 21 e 22 – Algumas das meninas durante a roda de cheiros



Fonte: imagem da autora (2023)

Figura 23 – Protocolo de uma aluna referente a aula da roda de cheiros



Fonte: Imagem da autora (2023)

Nessa mesma perspectiva de roda de conversa, eu havia decidido com meu orientador na época, carinhosamente chamado de Tom, que chegaríamos nas histórias que daria origem ao roteiro final por meio da seguinte pergunta: o que seriam ritos de passagem para vocês? Afinal, elas já haviam falado de casamento, festas de debutante, relação com os pais – *Tom me orientou a respeito da pergunta pois eu estava sem saber qual assunto abordar, visto que a gente sempre fala de muitas coisas em todas as aulas!* Antes de fazer essa pergunta para as meninas, enquanto elas se sentavam em roda, fui distribuindo os cheiros no centro da roda, acendendo os incensos de diferentes aromas e elas ficaram muito curiosas; começaram a perguntar o que era tudo aquilo e eu fiz a pergunta dos ritos. Peço licença a vocês para contar um pouquinho dos ritos de passagem das meninas!

Vera Fisher conta que seu rito foi o término conturbado do seu casamento: fugiu do marido violento para São Paulo com suas duas filhas, e viveu por um tempo vendendo pentes na favela. Sua mãe não queria que ela se separasse. Segundo ela foi o rito que a fez amadurecer e ser quem é hoje. Suzana Vieira diz que seu rito foi a noite de núpcias; casou-se aos 18 anos e ela estava com medo da primeira noite, afinal seu marido era 11 anos mais velho que ela. Elisa Lucinda conta que seu rito foi seu casamento; namorou dos seus 15 anos aos 21, casou virgem. O casamento foi conturbado, sofreu violência doméstica, se separou e continuou morando junto com o ex-marido, que inclusive ela cuidou até ele falecer por Alzheimer. Marieta Severo conta que seu rito foi a aposentadoria e a superação do etarismo nas escolas – Marieta é professora de Português! Glória Pires diz que seu rito de passagem foi o caminho entre a infância e a adolescência; era magrinha quando criança e sua mãe a vestia como se fosse uma criança rica. Ao crescer, ganhou peso e passou a se sentir “linda e gostosa”.

Ao final desse encontro, dei a seguinte coordenada: que se juntassem todas em um grande grupo, visto que eram poucas presentes, e improvisassem uma cena com todas aquelas histórias! E foi brilhante! Enquanto elas apresentavam, eu anotava; falas, movimentações - *o que dava!* Para que no próximo encontro que seria o nosso último, elas não se esquecessem de nada. E nem precisou! As falas estavam na ponta da língua, as movimentações também.

E foi assim que criamos a cena, que foi apresentada somente entre nós, com direito a ensaio, filmagem, e lanche no final do encontro. Sugeri gravar, pois queríamos aquele momento eternizado para nós. E como sugerido pelas meninas, colocamos uma narradora na versão filmada, como uma facilitadora de conectar uma cena a outra. Narradora essa que improvisou todas as suas falas! *Aqui algumas fotos para vocês sentirem um pouquinho da alegria e do sentimento de dever cumprido que eu senti aquele dia!*

Figuras. 24, 25, 26, 27,28 e 29 – Imagens da cena final gravada em último dia de encontro





É uma honra essa igreja
receber vocês





- Lá na paróquia?
- É, no salão paroquial! É!

Fonte: Imagem da autora (2023)

Figura 30 – Nossa narradora



Fonte: Imagem da autora (2023)

A cena abrangeu todas as histórias trazidas na roda de cheiros, de uma maneira em que todas se fundissem, com conexões criadas pelas próprias alunas – As primas querem ir para a festinha da cidade e precisam da permissão dos pais (que são tios de uma delas); a mãe permite. O pai é mais conservador. Na festa, a sobrinha se apaixona por um rapaz. Os tios falam que tem de haver casamento. O casamento acontece. O tempo passa

e o marido é alcoólatra, abusivo e agressor. A moça foge no meio da noite com sua filha para longe dele e só assim encontra paz. Deixo aqui o link da cena gravada, caso tenham interesse em assistir! <https://youtu.be/KsYF3QG1rP4?si=rgd5bPfnrvd072Zh>

II.3 – Considerações Finais sobre a Oficina de Teatro 50+ da Tiela

Devo contar para vocês uma coisa absurda de boa que me aconteceu no nosso último encontro. Estávamos arrumando os cenários para a apresentação, quando de repente, a nossa querida Nathália Timberg, que vivia teatro há muitos anos, entrou na sala de figurino e tudo, fez um monólogo, um momento teatral inesquecível que foi surpresa tanto para mim quanto para o restante do grupo. Quando Nathalia finalizou, simplesmente todas levantaram a mão e disseram que também queriam apresentar alguma coisa. Riamos e chorávamos, eu mais do que todas! Aracy, a que dizia que não tinha talento, recitou um poema lindo, na frente, com todas assistindo! Elisa cantou pra gente. Foram tantas emoções! E o melhor de tudo foi que dedicaram tudo isso para mim. Me agradeceram e contaram a oficina foi importante para elas.

A cena final nada mais foi do que o resultado de um processo magnífico e muito rápido. Um processo no qual consegui promover um ambiente de autonomia e expressão para essas meninas, que chegaram dispostas a conhecer o meu trabalho, a minha arte, e que de alguma maneira, ao final da oficina se sentiram tocadas com o nosso processo. E que aquelas senhoras, além de tudo que são, por meio de suas histórias e memórias, são também atrizes, como diz Luiz Arthur Nunes (2000, apud VENÂNCIO, 2008, p.29) “o sucesso da empreitada pressupõe a firme convicção de que contar histórias é uma performance tão teatral quanto a de interpretar seres imaginários”.

Figura 31 – Turma reunida no nosso último dia juntas



Fonte: Imagem da autora (2023)

Dessa forma, me pego muito empolgada em dar continuidade a este trabalho contando para vocês da minha próxima experiência, no Estúdio Evoé, no qual três pessoas começaram e terminaram nossos quase seis meses juntos: meu trabalho mais longo e pela primeira vez, sendo paga como professora do estúdio! Sendo apenas eu e eles, sem um orientador como na oficina da Tiela. *E dessa vez ‘eles’, pois temos um homem na turma!*

CAPÍTULO III – Espaço Evoé e teatro para a melhor idade!

Esse parágrafo vou começar de maneira diferente. Diferente pois eu achei que não fosse conseguir voltar a escrever. Hoje, 8 de janeiro de 2025. Minha avó, que eu havia apresentado para vocês no início deste trabalho, passou por maus bocados em outubro de 2024, se estendendo até final de novembro. Diagnóstico? Depressão! Desde que minha mãe morreu, há 11 anos atrás (completados no dia 3 de janeiro), ela nunca fez terapia, ou algo que gostasse para tentar pelo menos ajudá-la com o luto. Uma década enlutada. Faço o que posso! Mas confesso que a melhor coisa que eu fiz foi ter dado dois cachorrinhos para ela. É a vida dela esses cachorros. O mais velho, Tarcisio Meira, tem 7 anos. A mais nova, Glória Menezes, tem 5. E desde os momentos complicados que vivemos em outubro, fui atrás de um psiquiatra para ela e também uma psicóloga, que vem vê-la uma vez por semana. E ela está amando. Tem sido a melhor coisa das minhas férias: ver minha avó que é tudo pra mim se recuperando e cada dia melhor. Achei interessante contar para vocês, afinal foi um acontecido que atravessou minha vida e consequentemente este trabalho, pelo qual estou cada vez mais apegada e apaixonada

Mas, voltando para minhas experiências... Um belo dia, uma amiga muito querida, Karina Silva, me convidou para participar de um sonho que ela tinha/tem de ter um estúdio próprio: me chamou para ser professora de teatro, e pela primeira vez na minha vida, sendo paga! Os alunos pagariam uma mensalidade, e a aula seria uma vez por semana. Comecei dando aula com minha dupla, minha parceira de trabalho Mavi Novais, com a turma de jovens adultos, no segundo semestre de 2023, oficina chamada “Acolhendo Narrativas”. Depois, fiquei responsável pela turma de melhor idade, e começamos as aulas em fevereiro de 2024.

Me lembro como se fosse hoje a ansiedade e empolgação para começar logo. E também aquele medo de sempre: “será se vai ter gente interessada em fazer aula de teatro?” “Pagando?”. E começamos as divulgações. Aproveitei todos os contatos que fiz nos outros trabalhos já supracitados e espalhei a notícia de que eu abriria uma turma de teatro para a melhor idade no estúdio Evoé.

III.1) Eu e meus três de toda quinta-feira!

A princípio, foram 7 inscrições. Depois 4, mas por fim fechamos em 3 alunos. Eliane Giardini, Marcos Pasquim e Cláudia Rodrigues. Uma coisa muito instigante de

contar para vocês foi que Marcos Pasquim chegou, logo no primeiro encontro, dizendo em sua apresentação para a turma, de que não fazia ideia do que estava fazendo ali; ficou sabendo das aulas, estava passando por um momento segundo ele muito difícil em sua vida, e precisava de algo para fazer. *Só foi, digamos assim.* Chegou muito cabisbaixo. E eu, que há muito não tinha uma turma de melhor idade com um homem, me senti muito nervosa e desafiada, já que seria eu quem iria apresentar o teatro para ele. *Me lembro de pensar assim: como fazê-lo apreciar o fazer teatral, ou até mesmo fazer com que se sinta confortável e acolhido naquele ambiente ainda desconhecido por nós, ainda mais por ele que estava vivenciando um momento triste de sua vida?* A princípio, parecia calado e quieto, mas logo foi se mostrando uma pessoa divertida, falante, brincalhão e muito sensível. Direto em alguns exercícios se emocionava. Eliane borda lindamente e tem uma facilidade muito grande com as palavras. Cláudia dança. Ninguém nessa vida é tão altoastral quando ela. Não existem dias ruins com ela. Até quando ela chegava cansada, alegando que naquele dia não estaria não ativa, ela era. Ativa, altiva, cativante, empolgante. Logo nos tornamos amigos, e era impossível não dar muitas gargalhadas com as histórias e exercícios que faziam. Foram quatro meses nos divertindo muito.

III.2) Dos encontros à ‘gaiofada’ de São João

Nossos encontros aconteciam na quinta-feira, na escola de dança de Uberlândia chamada ‘Espaço Fluxo’. Durante a semana eu preparava as aulas, sempre priorizando no início delas o trabalho corporal, com alongamentos e aquecimentos e também trabalho vocal. Eu sempre optava por trazer exercícios diferentes para cada encontro. Alongávamos com música, sem, fazíamos exercícios de relaxamento, exaustão, usávamos os objetos que tínhamos à disposição na nossa sala como por exemplo mini macarrões – aqueles de piscina só que menorzinhos -, bolinhas, incensos... As bolinhas eram as preferidas. Uma laranja e uma azul. E, de acordo com meus comandos o jogo acontecia. Exemplo: Cada vez que você jogar a bolinha azul, você fala seu nome; a laranja você fala uma cidade; ou então, ao invés de falar o próprio nome, falava o nome de quem deveria pegar a bolinha. Brincávamos por minutos, trabalhando o corpo, o reflexo, a agilidade, os movimentos como um todo.

Figura 32 – Alongamentos com mini macarrões



Fonte: imagem da autora (2024)

Figuras 33 e 34 – Aquecimento com bolinha





Fonte: Imagem da autora (2024)

Dançávamos ao som de “Menina Veneno”, Michael Jackson, Tim Maia, Mamonas Assassinas, entre outros. Sempre explorando o local, os níveis, alto, médio e baixo, velocidades, tanto individuais quanto em grupo; não havia uma quinta sem animação! A cada encontro, os três se tornavam cada vez mais próximos, com direito a conversas sobre a vida e partilha de momentos especiais em família, partilha também de partes complicadas que estavam passando nos dias, principalmente o Marcos, que dizia muitas vezes que estava enfrentando um turbilhão de coisas ruins. Ele sempre fazia questão de dizer o quanto as quintas o deixavam esperançoso, visto que era o dia na semana que mais se sentia bem.

Em alguns encontros, ele chegou a levar seu filho mais novo, que se divertiu muito vendo o pai atuar e fazer os jogos; me fez lembrar do acontecido na oficina Sênior, onde as meninas sentiram que a criança tirou a autonomia e conforto delas. Quando o Marcos chegou com a criança eu entrei em desespero com medo da Eliane e da Claudia se importarem. Longe disso. Amaram a presença dele, envolviam-no nos jogos e pediam opinião nas cenas. Dito isso, devo confessar que essa diferença de pensar entre as pessoas,

turmas, me instiga e me faz querer ter mais e mais turmas e alunos. *Mal sabem eles o quanto aprendo com cada um e o quanto essa troca entre professora artista e aluno ator é real e importante!*

Desde o primeiro dia, eu havia contado a eles que faríamos algo no final e que eles teriam o prazer, se quisessem, de convidar pessoas para assisti-los. Já que na oficina da minha pesquisa, por falta de tempo, não conseguimos nos apresentar com público e fazer algo maior, agora eu não abriria mão. E eles toparam.

O que fiz de diferente dessa vez foi o seguinte: me propus a pensar apenas no processo, sem me preocupar com o que faríamos como resultado final. Se seria uma cena, ou uma aula aberta, ou algo expositivo com fotos e contações de como foram nossas aulas. Eu queria deixar rolar. Fiz a roda de cheiros para que contassem histórias deles que fossem instigadas pelo estímulo olfativo, mas dessa vez não fiz uma pergunta norteadora como na oficina de minha pesquisa.

Eliane trouxe a memória de dias na roça com os pais, cheiro de café passadinho, e muito trabalho: ajudar a mãe em afazeres enquanto o pai trabalhava em atividades braçais da fazenda. Marcos se lembrou da mãe que faleceu a pouquíssimo tempo, e da época em que se sentava para ouvi-la contar histórias e Claudia, que também trouxe a lembrança de ouvir histórias de seus pais, disse que o cenário que mais se lembrava era a mesa da cozinha onde se sentava com o bolo da mãe de milho ou fubá quentinho. Nesse momento perguntei: como vocês colocariam a lembrança de vocês em cena?

Me coloquei à disposição de ajudá-los, mas que eu fazia questão de que eles fizessem tudo; com a improvisação, criaram um contexto: família da roça, que esperava sua filha chegar da escola rural. Conforme conversavam e improvisavam, decidiram que essa família estava se preparando para receber a vizinhança toda em sua fazenda, fruto de uma herança familiar, pois seriam os anfitriões da festa de São João daquele ano - *estávamos em maio nessa época, ansiosos por uma festa junina!* A mãe estava fazendo as comidas da festa, enquanto o pai estava pescando; a filha chega da escola e pede para que o pai contasse uma história de terror a ela. E ele conta a história de um espantalho amaldiçoado que perseguia crianças desobedientes.

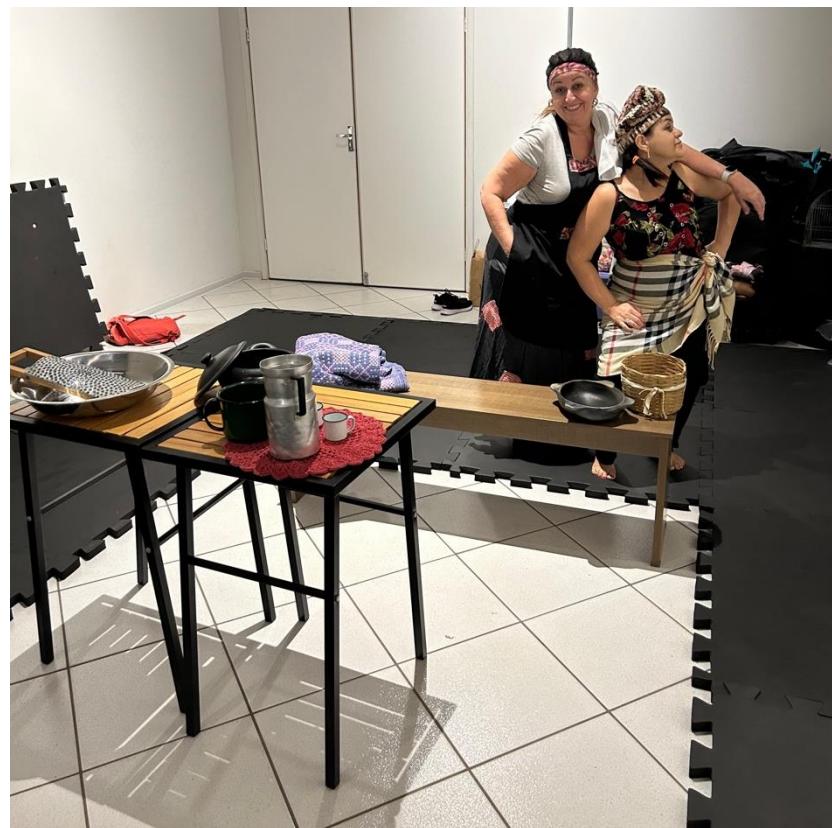
Em uma aula, se decidiram em como seria o cenário, que nasceu lado a lado com a contextualização da cena e só precisava de mais lapidação, figurino, e comidinhas que fariam parte da mesa farta que a mãe estava preparando. A única que decidi foi o título; eles estavam pensando em logo relacionado a festa de São João que aconteceria, então sugeri que fosse “Gaiofada de São João” escrito com a oralidade caipira que a cena pedia.

Os 3 últimos encontros foram dedicados a muito ensaio. Traziam materiais para cenário, figurino e um vocabulário caipira muito bom. Sempre no início desses encontros, fazíamos imersão em algum contexto caipira, fazíamos exercícios com o texto para exercitar a memória e ajudá-los a decorar, e traziam seus personagens no início do encontro. Spolin concebeu o uso de jogos teatrais e improvisação em seu método, onde essas técnicas ajudavam os atores a se reconectarem com o presente no momento e lhes permitiam criar personagens sem se sentirem forçados ou artificiais – *e foi assim que meus alunos deram vida a seus personagens, de maneira natural e fluida!* Foi por meio dessas técnicas e também sempre conversando entre si, que criaram os personagens: Zefa (a mãe – Eliane), Bastião (o pai – Marcos), e Gigysclei (a filha mais nova do casal – Cláudia), chamada carinhosamente de Gigi.

Em vez de seguir roteiros rígidos ou tentar construir um personagem intelectualmente, Spolin acreditava que a criação de personagens deveria ser orgânica, refletindo a verdadeira relação entre o atuante e seu ambiente, que foi exatamente o que fizemos! Nesse contexto, os jogos teatrais e a improvisação praticados em sala de aula ajudam meus alunos-atores a explorar emoções, reações e comportamentos, ao mesmo tempo em que oferecem a liberdade de não precisar moldar os personagens de acordo com uma ideia pré-estabelecida do que eles deveriam ser. (Spolin, 2010, p. 232)

O ator está cercado por um círculo de características - voz, maneirismos, movimento físico - aos quais dá vida por meio de sua energia e contato total com o ambiente do palco. Se ele for ensinado a pensar desta forma, o mistério da atuação e caracterização será substituído por um conceito mais instrumental e passível de ser ensinado. O aluno-ator vai desenvolver-se como uma pessoa alerta, perceptiva e livre, capaz de ir além de sua vida do dia a dia. Será capaz de "assumir" um papel. Será vivo, humano, interdependente, trabalhando com seus colegas atores. Será ele mesmo- o ator - jogando o jogo do personagem que escolheu para ser comunicado.

Figuras 35 e 36 – Ensaios da gaiofada de São João



Fonte: Imagem da autora (2024)

Depois de alguns ensaios, no dia 10 de julho de 2024, apresentamos! Foi no mesmo espaço onde fazíamos as aulas, e cada um chamou a família e amigos para assistir, inclusive eu. A sala estava cheia. Meus olhinhos reluziam. Foi lindo! O público ria e eu chorava – é isso leitor, caso não tenham percebido, eu sou muito babona! Para ter esse momento registrado em algum lugar que não fosse só a minha mente, gravei e postei no meu canal no YouTube, e mais uma vez disponibilizo o link aqui para quem tiver interesse, assistir: <https://youtu.be/fOvTlaqR0m0?si=tjcDFUiesWmomb->. A mesa que Zefa preparava, enchemos de biscoito, bolos, pipoca, café, e no final todos puderam comer e apreciar mais ainda esse cenário caipira que estávamos propondo. Ali, mais uma vez, o meu sentimento de que sou muito feliz dando aulas de teatro se concretizava.

Imagens 37, 38 e 39 – Dia da apresentação





Fonte: Imagem da autora (2024)

III.3) Considerações finais sobre o Evoé

O evoé foi a minha primeira experiência recebendo pagamento como professora de teatro. Me recordo dos primeiros dias de encontro que me sentia nervosa e tensa por isso, afinal meus alunos pagariam pela minha aula, o que nunca tinha acontecido! E foi muito desafiador. Quando estabelecemos a turma em três alunos, eu senti que ia ser um desafio muito grande. Eu nunca tinha tido uma turma com tão poucos alunos, e eu estava literalmente com muito medo de não conseguir fazer uma aula prazerosa e divertida. E toda quinta eu me surpreendia; e me surpreendia também sobre como aqueles únicos três alunos sentiam prazer em estarem naquele encontro. *Tivemos momentos incríveis!* *Inclusive, em um dia de muito calor, fizemos a aula em um bar, tomando uma cerveja e contando causos.* E foi com essa turma que eu descobri que eu não preciso de muitas pessoas para uma aula de teatro deliciosa! Não são necessárias muitas pessoas para fazer teatro, basta ter a energia grande de cada um, mesmo que seja um aluno apenas, como já aconteceu.

IV) Considerações finais

Até aqui nas considerações finais vou contar algo para vocês. Quando eu ouvia dizer sobre esse tal de Trabalho de Conclusão de Curso, eu realmente pensava que era um bicho de sete cabeças. Só de pensar sobre eu já ficava aflita. Mas quando eu pensei na possibilidade de fazer o meu TCC sobre a melhor idade, relacionar minhas experiências com minhas histórias de vida e fazê-lo de maneira pessoal, em primeira pessoa e cheio de sentimentos meus, a aflição começou a virar empolgação. E assim se transformou neste memorial, pelo qual eu estou encantada!

Quando eu comecei esse memorial, eu tinha como interesse contar para vocês tanto um pouquinho da minha vida, do meu amor pelo teatro e pela melhor idade no geral, quanto fazer um apanhado dos trabalhos mais importantes que já fiz, que foram esses três projetos que supracitei aqui; e o que eu achava mais divertido é que é um trabalho que nunca está pronto de fato. Eu sempre digitava mais e mais em um parágrafo que eu já tinha dado por finalizado. E se eu parar agora e ler qualquer linha, vou querer escrever mais – *eu me conheço!*

Portanto, nessa parte final de meu trabalho, quero refletir sobre a pergunta que fiz, bem lá no começo: “**qual o impacto da utilização da memória pessoal de idosos na criação de cenas teatrais para promover um ambiente de autonomia e expressão?**” A realidade, é que espero que, a cada trabalho e pesquisa minha, eu esteja mais apta a responder essa pergunta; creio que não exista uma resposta concreta. O impacto, na minha opinião, está na valorização das histórias vividas de cada indivíduo e de cada coletivo. Um local onde há escuta e compartilhamento. Conexões criadas e conforto em compartilhar.

A parte “técnica” como a estimulação cognitiva e emocional, trabalho corporal e vocal, e a habilidade de trabalhar em grupo acontece e muito bem, como deveria em toda aula de teatro “comum”, digamos assim. O diferencial em trabalhar com memórias e histórias de quem faz parte do coletivo em questão, na minha opinião, para além da valorização das memórias de quem conta, está em promover a autonomia desses idosos: eles não são apenas espectadores e atores, mas sim protagonistas ativos no processo teatral coletivo! E eu também acredito que esse meu trabalho, e de todos aqueles que também focam o fazer teatral ou quaisquer outras artes para esse público em questão, entretêm e contribuem para o aumento do bem-estar dos idosos, tanto físico quanto psicologicamente. E isso é sempre um ponto importante para mim: a velhice não é o fim

da vida. A vida acaba quando DE FATO termina. Enquanto estivermos vivos, merecemos qualidade de vida, atenção e bem-estar. Por isso esse é o título deste trabalho!

Dessa forma, termino esse memorial simplesmente sem terminá-lo. Termino-o dizendo que minha vontade é definitivamente continuar; continuar estudando e aprendendo junto aos idosos e idosas que me permitirem pesquisar com eles. Pesquisando e escrevendo e voltando a essas experiências só fez nascer em mim a vontade de me aprofundar mais nessa pesquisa. E relacionar a contação de histórias e memórias com os estudos relacionados a demência, ou Alzheimer, por exemplo. *O que me lembra muito minha avó, que aos olhos da medicina foi ficando “demente” mas jamais sem se esquecer de suas memórias.* Como o estímulo das memórias é importante no “tratamento” das demências? Quero muito pesquisar e ingressar nesse meio, quem sabe no mestrado!

Sim, eu quem escrevi esse trabalho, mas tenho certeza de que ele fez muito mais por mim do que eu por ele: me fez querer continuar esse trabalho que me move, me emociona e que faço questão de que mais gente conheça e se encante por ele! *Inclusive, é com muita alegria, neste meu último pedaço de texto em itálico, que conto a vocês, meus caros leitores, que eu juntamente com Mavi Novais, fomos aprovadas no PMIC de Uberlândia, no projeto “Teatro de Reminiscência: Manifesto da Memória”, que consiste em contarmos, eu e Mavi, histórias de nossos avós e pais, em formato teatral, em lares de idosos aqui na cidade. Já estávamos há um tempo tentando a aprovação, e agora ela veio!* Que venha cada vez mais oportunidades de trabalhar com o que eu mais amo nesse mundo: teatro e terceira idade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas*. Rio de JANEIRO: Civilização Brasileira, 1991.
- NOGUEIRA, M.P. *Teatro e comunidade*. In: FLORENTINO, A., and TELLES, N., eds. *Cartografias do ensino do teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2008.
- SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- SPOLIN, Viola. *JOGOS TEATRAIS – O fichário de Viola Spolin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- VENANCIO, Beatriz. *PEQUENOS ESPETÁCULOS DA MEMÓRIA*. São Paulo: Hucitec, 2008.